

PARA SEMPRE,

Sempre que puder, fale de amor e com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala

IRMÃ DULCE, sobre a essência humana



DULCE

ENTREVISTA Maria Rita Pontes, superintendente da Osid

É possível definir o sentimento de ser parente e sucessora no trabalho de uma santa?

Eu prefiro não pensar nessas coisas dessa forma. É uma preocupação muito grande herdar o compromisso de dar continuidade a um trabalho tão importante para os mais carentes. Agora também sou sobrinha de uma santa. Então eu prefiro lembrar de Irmã Dulce como aquela pessoa simples, que sempre viveu para o próximo e seguiu esse exemplo dela.

O papa João Paulo II, também oficializado santo, era um entusiasta da causa de santificação de Irmã Dulce. Ele costumava dizer que gostaria que a Igreja tivesse santos modernos, ou seja, pessoas que ainda estavam no imaginário coletivo.

Como diz dom Murilo, agora a gente não tem mais desculpas para dizer que não é possível ajudar o próximo. Irmã Dulce foi uma pessoa que viveu entre nós, de forma simples; que pisou neste solo, que fez todo um trabalho sem reclamar da vida; sem ter nenhuma vaidade. É possível mostrar que todos somos capazes de fazer o que ela fez; almejar os altos. Se bem que, quando alguém dizia: "Irmã, a senhora é uma santa", ela dava risada. Acho que jamais passou pela sua cabeça que isso pudesse acontecer.

Há uma característica de Irmã Dulce que a senhora destacaria de forma especial?

Uma que falta muito hoje em dia, exatamente porque vivemos na era digital: a capacidade de ouvir o próximo. Não temos tempo de ouvir. Estamos sempre em velocidade. Irmã Dulce ouvia. E não era só o pobre. Ela ouvia também as pessoas pobres de espírito; pessoas que tinham recursos mas em determinados momentos da vida precisaram de Irmã Dulce para ouvi-las porque estavam em depressão, porque tinham na família algum usuário de drogas ou porque tinham problemas no casamento. Irmã Dulce era uma excelente conselheira matrimonial. São faces que a gente não conhece. Pensam em Irmã Dulce como aquela freirinha que ajudou muito os pobres, mas ela também é Santa Dulce dos Desesperados, das pessoas que tinham tudo para estar bem na vida, mas que tinham problemas.

Como foi o processo do convite ou intimação para a senhora suceder-lhe?

Na verdade ela nunca me convidou diretamente, nem nunca me intimou. Ela dizia por trás, para as pessoas mais próximas: "Ah seria tão bom se Maria Rita viesse pra cá, pra ficar mais perto da gente. Eu

“AMAR E SERVIR. ISSO É INTOCÁVEL NA OBRA”

CLEIDIANA RAMOS

Quando o papa Francisco oficializar a canonização de Irmã Dulce, no próximo dia 13 de outubro, a jornalista Maria Rita Pontes, 63 anos, estará em um patamar especial: sobrinha e sucessora na administração das obras sociais (Osid) fundadas pela primeira santa brasileira. "Eu prefiro não pensar nessas coisas dessa forma", diz Maria Rita Pontes. Isso porque, para a Igreja Católica, os santos são pessoas tão especiais que necessitam ter a memória eternizada. Essa celebração

universal da memória de Irmã Dulce, portanto, se estenderá à Osid, que, com certeza, ganhará ainda mais desafios: ampliar os serviços de saúde, que atendem, por ano, 3,5 milhões de pessoas, atualizar a estrutura educacional e de turismo religioso, pois haverá, por exemplo, mais devotos para visitar o santuário. Por outro lado, o fio condutor das obras sociais, na avaliação de Maria Rita estará mais forte: "Amar e servir. Isso é intocável", disse em um dos momentos em que mais se emocionou nesta entrevista concedida ao A TARDE. A emoção

é de alguém que viveu a atmosfera de afetividade familiar com a nova santa. Na sua formatura em jornalismo, em 1979, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Irmã Dulce fez questão de estar presente, afinal Maria Rita estava abraçando a mesma carreira do pai, Augusto Lopes Pontes, falecido três anos antes. Para isso, fez o trajeto de carro, pois tinha medo de viajar de avião. Como em tantas situações de sua vida, o que importava era estar próxima de quem precisasse mesmo que fosse apenas para dar um abraço.

Com certeza. Garantir a espiritualidade do trabalho de Irmã Dulce, para mim, é o pilar mais importante: "Amar e servir". Isso é intocável. Com todas as dificuldades que a obra venha a passar ela jamais pode fugir dos nossos princípios. Essa sempre foi a minha preocupação (Maria Rita Pontes não consegue segurar as lágrimas). Eu me emocionou. Acho que a partir de outubro a gente garante isso. A presença dos capuchinhos também. Eles estando lá é uma garantia de que a obra não vai mudar. Dificuldades financeiras a obra deverá passar, mas acho que a canonização traz mais visibilidade, tanto nacional quanto internacional. Acho que o mais importante é garantir que a filosofia e os princípios se mantenham. Ou seja: uma obra sempre voltada para as pessoas pobres.

Tem um setor específico da Osid que a senhora prevê ou deseja ver ampliado?

Tem vários. Tem a unidade de oncologia que logo vamos ter uma ampliação, a depender dos recursos. Queremos expandir o serviço de oftalmologia. Estamos fazendo uma campanha que tem a ver com o milagre para canonização de Irmã Dulce: a cura de José Maurício foi de um problema de visão. Temos a sala de ressonância magnética com o aparelho que foi doado pelo governo federal. Em breve teremos que resolver e outros tantos sonhos que passam pela requalificação da nossa panificação, que garante parte da sustentabilidade do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa). Na área de turismo religioso, temos a requalificação do Memorial Irmã Dulce, que encontra o problema sério de estrangulamento de tráfego. Com as romarias, com a chegada de novos devotos e admiradores de Santa Dulce, o espaço se tornou pequeno. As pessoas chegam e a gente precisa acolher bem. Salvador, aliás, a Bahia sempre teve essa marca de oferecer bom atendimento a quem chega.

A senhora poderia deixar uma mensagem de agradecimento aos baianos?

Irmã Dulce é a santa de todos nós. Seja rico, pobre, de qualquer religião, porque ela acolheu a todos. Irmã Dulce vai ser a santa do nosso tempo. Peço em nome dela que todos sigam o seu exemplo. Como ela dizia: "Ajudar o próximo não é dar uma esmola". É ouvir a pessoa, dar uma palavra de carinho. Não temos mais desculpas para dizer que a santidade é uma coisa muito difícil.

WWW.ATARDE.COM.BR

Confira mais da entrevista com Maria Rita no portal A TARDE e em A TARDE FM.



Fotos: João Souza e Cedoc Grupo A TARDE / Ag. A TARDE



Maria Rita Pontes recebeu o mesmo nome de batismo da primeira santa brasileira. Ficou com ela a missão de gerir a Osid



sempre dizia pra ela: eu vou lhe ajudar na minha profissão, no jornalismo. Nos 11 anos que eu trabalhei na Odebrecht sempre tive a oportunidade de ficar muito próxima dela. Em 1989 eu ingressei no conselho de administração das Obras. E aí passei a conviver com os demais conselheiros e entender um pouquinho das dificuldades e como ela se posicionava. Ela era muito firme. Parecia uma pessoa frágil, mas era muito firme nas convicções dela. Quando colocava na cabeça que era importante ampliar, ela ia até o fim. E essa experiência eu acho que me ajudou bastante nestes dois últimos anos no conselho

das Obras. E por fim para chegar à pergunta: ela deixou uma carta-testamento de valor moral onde colocou o nome das três pessoas que gostaria que sucedesse em caso de morte. Na lista eu aparecia em primeiro lugar, depois minha mãe, Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, que faleceu aos 91 anos em 2006, e minha tia, Ana Maria, que está com 79 anos.

Em várias fases do processo para a canonização, a senhora sempre reiterou que o principal motivo desta batalha era garantir a continuidade da Osid. A senhora entende a canonização como uma extensão da memória, é isso?

Irmã Dulce é a santa de todos nós, seja rico, seja pobre. Ela será a santa do nosso tempo

Estamos sempre em velocidade. Irmã Dulce ouvia o próximo